

98/1

Beatriz Rocha Melo

**A Importância da Música na
Educação Infantil**

Rio de Janeiro
1998

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO - UNI-RIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CCH
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
DISCIPLINA: MONOGRAFIA
PERÍODO: 8º

Reitor: Hans Surgen Fernando Dohmann

Vice-reitor: Regina M. Lugarinho da Fonseca

Decana: M^a Tereza W. T. da C. Fontoura

Diretora: Janete de Oliveira Elias

Professora
responsável
pela disciplina: Gilda Grumbach

Professora
Orientadora: Fátima Baymer

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO - UNI-RIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CCH
ESCOLA DE EDUCAÇÃO

A Importância da Música na Educação Infantil

Por: Beatriz Rocha Melo

Monografia apresentada
para o cumprimento do
requisito parcial para
conclusão do curso de
licenciatura plena em
Pedagogia.

Professor orientador:
Fátima Baymer

Rio de Janeiro
1998

MELO, Beatriz Rocha. A Importância da Música na Educação Infantil.
UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO, Centro Ciências Humanas. Escola de
Educação, 1998, 48 páginas.

Rio de Janeiro
1998

Beatriz Rocha Melo

**A Importância da Música na
Educação Infantil**

Agradecimento Especial

À minha mãe, Lúcia Helena de Souza Rocha, que está do meu lado em todos os momentos. Muito obrigada.

Agradecimentos

À minha família.

Às amigas que fiz na graduação, com as quais dividi os últimos quatro anos e espero continuarmos juntas.

À minha amiga Barbara Cabral, que muito me ajudou.

À minha professora orientadora, Fátima Baymer.

Sumário

I.	Introdução	08
II.	Música e educação e seus paralelos	11
III.	A Formação do Professor	16
IV.	Expressando-se Através da Música	21
	4.1. Entendendo a música como um caminho para expressar-se criativamente	23
V.	Conclusão	31
VI.	Referências Bibliográficas	34
VII.	Anexos	36

I. Introdução

O presente trabalho tem como objetivo analisar e verificar a importância da música na contribuição da formação da criança. Partindo desta premissa, a educação infantil em muito tem a ganhar com a educação musical.

O que muitas vezes ocorre na educação infantil é que neste nível as atividades são voltadas para ocupar o tempo das crianças em brincadeiras desvinculadas de objetivos mais amplos. Essa postura desvaloriza o profissional da educação infantil e desmotiva o aluno.

Para tanto, há que se repensar a expressão musical e artística na educação infantil, numa linha de comprometimento com a educação atual e com a reversão deste conceito meramente repetitivo e descontextualizado. Porém, este compromisso que trataremos no decorrer do trabalho deve ser estendido às séries posteriores.

A fase da educação infantil é fundamental para a formação do indivíduo, pois é através de brincadeiras que ele começa a construir suas primeiras relações entre suas experiências e conhecimentos especializados como a matemática e o português.

A criança é um ser latente e a música lhe dá um campo enorme a ser desenvolvido na medida em que não limita suas potencialidades e se esta for utilizada como um recurso para aprendizagem. Caso contrário, se a música estiver a serviço do professor apenas para manter a ordem e atrair a atenção para algo mais importante, infelizmente estes alunos não irão perceber a magia da música e o quanto esta poderá abrir seus caminhos.

O educador deve sentir a importância da música como linguagem, segundo Penna (1990),

Se o educador acreditar que a questão da sensibilidade é dada ou não de berço, ou que, em termos de música, não há nada a entender, basta escutar, então tornará inútil o seu próprio trabalho. (p. 21)

No entanto a formação que é dada aos professores não está auxiliando nem um pouco no processo de criação e de valorização musical. Muito pelo contrário, às escolas normais não se interessam em pesquisar a importância da música na relação ensino-aprendizagem, e nem tão pouco se atualizar na forma de proporcionar um ensino voltado para a sensibilização e a criatividade.

A preocupação com a educação musical é que deu origem à esta monografia, na qual busca-se falar um pouco da real importância da música fazendo contraponto com

o que se aprende nas escolas normais e quais são as implicações neste ensino tradicional, ou seja, as normalistas apenas aprendem a adestrar seus alunos melodicamente. Será que é esse o único fim da música?

Respondendo à esta questão finalizamos o trabalho mostrando a música como fonte de expressão e construção para o saber.

II. Música e educação e seus paralelos

A música há algum tempo deixou de ser tratada pela escola com a seriedade que merece. Antigamente existia a crença de que "seriedade" seria utilizar a música para valorizar as datas cívicas ou comemorativas e, segundo Fuks (1991), algumas professoras ainda sentem saudades ao lembrarem que em seu tempo havia uma mistura de educação musical e civismo e que hoje não conseguem vê-los separados. Para elas se cantava mais nas festas e solenidades e isto era um fator importante na formação do caráter do indivíduo, diz a mesma autora. Mas não é desta "seriedade" que estamos falando, e sim do valor interior que a música possui na educação dos indivíduos.

Hoje, ao contrário, o tempo que se dedica à música é somente aquele de reprodução de cantigas, a maioria visando à fixação de outros conteúdos específicos. Neste sentido, a música se presta como pano de fundo ao invés de ser utilizada como essência.

A educação musical, não só na educação infantil como nas séries iniciais do 1º grau, pode se tornar tanto quanto ou mais importante que as outras disciplinas pois, nesta fase, a criança está descobrindo a realidade e a música é uma forma de conhecer este mundo em que ela está inserida e até a si mesma. Assim sendo, ela é capaz de compreender muito mais se vivenciar experiências agradáveis durante este período.

Benjamin Bloom, a respeito disso, nos diz que a educação musical dada entre os 4 e 6 anos poderiam auxiliar nos esquemas de aprendizagem da criança.

Indo ao encontro de Bloom, Penna (1990) nos fala da importância da criança ter contato com a música, com os instrumentos, para que suas chances de criar algo sejam maiores do que as daquelas que nunca manipularam um instrumento. Para ela:

A capacidade criadora do homem é, sem dúvida, capaz de reelaborar elementos e de descobrir soluções. No caso da expressão musical, que faz uso de uma linguagem artística culturalmente construída (tonal ou contemporânea), a criação se dará, fundamentalmente pela manipulação de elementos apreendidos – na escola ou fora dela, conscientemente ou não – pois é o interiorizado que se protege. (p. 71)

Kodaly (1981) fez um estudo na Hungria onde comprovou que as crianças que estudavam música tinham um rendimento de 30 a 40% mais elevados do que aqueles que não tinham nenhum contato com a música e, a respeito disto, nos diz que a educação musical deveria ser feita desde antes do nascimento da criança e continuada após seu nascimento em seu meio familiar (anexo 1).

Para tanto é necessário começar a iniciação musical prática desde muito cedo, para que as criações sejam provenientes de uma larga prática de anos, de vários graus e disciplina. Pois, além de bases psicológicas, a música está a serviço do ser humano em

todos os aspectos: sociais, estruturais e é claro, culturais, à medida em que a música atinge todos os níveis. Por isto, deve fazer parte do cotidiano da escola sem restrições comportamentais e distinção de classes.

Maura Penna nos fala da música sobre um outro ponto de vista, em seu livro *Reavaliações e busca em Musicalização - Penna, 1990*, no qual ela discute a música como uma forma de linguagem que é socialmente constituída. A autora nos fala da diferença que existe entre os mais privilegiados e os menos privilegiados, quando se faz a discriminação de que os "ricos" entendem melhor do que os "pobres", de que a melhor música é a erudita, sendo esta a que tem que ser ensinada nas escolas e que a música popular não tem valor construtivo e *"a escola, enquanto instituição, reproduz e legitima"*. (p. 81)

A autora também ressalta que no processo de musicalização deve-se facilitar a obtenção dos instrumentos que se fazem necessários ao aprendizado da linguagem musical, para que o aluno compreenda criticamente a música de seu meio cultural e possa assim difundi-la. Para ela *"a musicalização, portanto, não deve trazer um padrão musical exterior, alheio, impondo-o para ser reverenciado, em contraposição à vivência do aluno."*(p. 33)

Platão, segundo Willems (1981), também fala da discriminação de classe quando nos diz que a Educação Musical estava reservada a uma elite minoritária e que

a finalidade da música está em fazer com que cada criança aprenda o alfabeto musical (p. 26).

Para isto se tornar possível, e para que todas as crianças tenham inclusive acesso aos instrumentos musicais, Paz (1993) nos mostra um caminho:

Os instrumentos devem estar à disposição do aluno, para permitir, sempre que possível, um maior contato dos alunos com o mesmo, especialmente nos horários vagos. O ideal é que esses instrumentos sejam confeccionados pelos alunos sob orientação do mestre, num espaço específico dentro da oficina de fabricação de instrumentos. (p. 68)

A Educação Musical deve ser para todos, tendo ou não o que se convencionou chamar "dom", e cabe ao professor ajudar aos alunos que tenham dificuldades. Isto exige ao educador as bases psicológicas da Educação Musical.

Compartilhando desta visão, Ramalho (1996) afirma que seja "*justamente o encanto e a beleza da experiência musical (...) na infância, que estamos pretendendo resgatar com o nosso trabalho*", pois a criança que passa por várias experiências positivas, no futuro será um adulto criativo, completo e sensível.

Continuando ainda com Ramalho (1996), acreditamos que "*à medida que vai sendo esteticamente estimulada, a imaginação criativa passa a lidar com a afetividade*

e interesse por toda a matéria com a qual se trabalha." Assim sendo, quando a criança vê prazer no que ela faz se interessa em fazer da melhor maneira possível.

Mas para que tudo isso seja possível, se torne realidade, temos que reverter esta situação a partir do ponto inicial, que consideramos ser a formação dos professores.

III. A Formação do Professor

Para Willems (1981), a grande dificuldade dos novos professores é liberar-se da educação tradicional que tiveram pois muitas idéias de renovação às vezes são muito radicais.

Ele diz que em relação aos professores da educação infantil é mais fácil, pois já estão em contato com a criança quase todo o tempo, mas primeiramente é necessário que o ensine a falar, a cantar, a expressar-se, ou seja, a realizar-se humana e harmoniosamente. E esta educação que se exige por parte das professoras, seria um conjunto de qualidades pedagógicas que raras vezes se encontra.

Na prática, diz Willems (1981), vimos que em diversas escolas de arte, onde se relacionam diversas linguagens, a música é sacrificada em benefício das outras formas de expressão como a pintura, a poesia, etc..

Por outro lado, Willems (1981) também afirma que, embora existam professores especializados, muitas vezes é necessário que professores "comuns" (que não sejam especialistas) dêem a iniciação musical. Eles não precisam tocar algum instrumento forçosamente, embora isto lhes pudesse oferecer muitas vantagens. O que

é importante, ele diz, é que estes professores tenham intimidade com a linguagem musical, pois algumas crianças cantam antes mesmo de falar. Estes professores podem, segundo este autor, incentivar nos alunos os movimentos corporais, praticados de diversas maneiras; praticar mímica para ilustrar os cantos; e usar largamente o desenho, que ajudará na Educação Musical do pré-escolar.

Parafrazeando Ostrower (1990), Ramalho (1995) nos fala sobre a importância da transmissão dos conhecimentos pelo professor, e sua postura ao fazê-lo, pois se para o educador "as obras de arte não representarem valores de vida", ele apenas transmitirá aos seus alunos "receitas técnicas ou nomes e datas", ou seja, "nada que toque o essencial da experiência artística"; mas se, ao contrário disto, o professor valorizar tais obras, contagiará seus alunos "mostrando-lhe a eterna magia e beleza da arte, a aventura que existe na sensibilidade de cada um". Assim o educador produzirá, em vez de uma "mera informação, a formação de ser sensível". (p. 19)

Rosa Fuks, em seu livro *O Discurso do Silêncio - Fuks, 1991* relata uma pesquisa que realizou dentro de algumas Escolas de Formação de Professores, que teve como objetivo verificar a importância que está sendo dada ao estudo da música, chegando à conclusão de que não é nada satisfatório.

Em algumas entrevistas descobre-se que na escola não é dada a esta disciplina o valor necessário, já que se trata de matéria que não reprova, e que apenas preenche

o tempo. Mesmo por parte dos professores com formação específica não há um grande desempenho, segundo ela, à medida que não existe uma grande integração deles com a escola.

Dentro destas escolas, segundo Fuks (1991), há um repertório grande de músicas, que a autora denomina de "musiquinhas de comando", por considerar que são músicas para adestrar as crianças com quem as futuras professoras irão trabalhar. Tais músicas lhe "ensinam" que está na hora de contar a novidade, hora de almoçar, hora de lavar as mãos, escovar os dentes e até mesmo hora de calar a boca quando estas se encontram muito "agitadas". As normalistas dizem que até mesmo dar uma ordem com música fica mais fácil, pois como a criança não sente que está sendo mandada, torna-se uma brincadeira. A distribuição do tempo também fica mais fácil, pois o tempo que se leva explicando porque devemos fazer higiene é maior do que simplesmente cantar uma "musiquinha" pela qual eles vão sendo condicionados a agir. Desta maneira, elas dizem, sobra mais tempo para fazer outras atividades. Segundo esta autora:

Enquanto demos aulas, nosso ouvido de professor estranhou as "musiquinhas", considerando-as como resultado da má formação musical dos professores de música, não nos demos conta da força que elas representam. Esta só foi percebida pela nossa escuta de pesquisador que se surpreendeu com a aprendizagem informal, que, atingindo toda a escola, serve,

muitas vezes, para suprir a deficiência do ensino da música.

(p. 74)

Fuks (1991) também nos fala sobre a importância da música na escola quando esta se amplia chegando até a comunidade, possibilitando a existência de diferentes manifestações musicais, mas critica quando a mesma é tratada de forma sistemática, ou seja: a das aulas de música, que só acontecem em sala, horário marcado e professora presente; a das datas comemorativas em que toda a escola se reúne para cantar hinos cívicos escolares; a das "musiquinhas de comando", que ocorrem fora da prática escolar sem espaço definido. Em contrapartida, as músicas folclóricas podem se tornar um elo maravilhoso entre a escola e a comunidade, promovendo através de atividades lúdicas esta integração essencial do processo educativo.

Para Fuks (1991) há uma dicotomia entre teoria e prática de Educação Musical. Alguns professores acham que a prática é mais importante, pois seria o que os alunos necessitam em sua sala de aula, sendo que a prática com que estes professores estão preocupados é ensinar "musiquinhas de comando". Não se dão ao trabalho de fazer-lhes entender o que é a música e o que ela significa para as pessoas. Não ficaria a música mais interessante se conhecêssemos o seu espírito, sua fonte, seus benefícios, do que apenas cantarmos frases sem ritmo e sem contexto? Por outro lado, a mesma autora chama a atenção para o fato de que algumas alunas do normal

gostam de música, aquelas que tocam no rádio, mas não ligam esta música à que é dada para as crianças.

Sendo assim, é preciso dar mais qualidade à formação dos professores da educação infantil e das séries iniciais do 1º grau quanto ao ensino de música, já que o que se tem feito não contempla, absolutamente, os princípios da música como fator educacional.

Buscando exemplificar tal fato, no capítulo seguinte buscarei fazer algumas propostas de atividades musicais possíveis de serem trabalhadas inclusive por professores não especializados, mas que são de enorme importância na formação das crianças.

IV. Expressando-se Através da Música

Muitos professores têm medo de ousar por não confiarem suficientemente nas propostas que acreditem ou por não terem tido a oportunidade de vivenciá-las.

Portanto, neste capítulo sugerimos aos professores ,especializados ou não, atividades que possam enriquecer o trabalho de classe e permitam aos alunos desenvolver-se com a contribuição de atividades musicais, e quem sabe estas possam ser inseridas na rotina escolar.

1) Esconde-Esconde:

A turma escolhe um objeto a ser escondido, uma criança então sai da sala e as outras escondem um objeto.

Quando a criança voltar à sala as outras a ajudarão a encontrar o objeto, indicando se está perto ou longe emitindo sons com maior ou menor intensidade (forte ou fraco) de acordo com a distância.

Esta brincadeira leva a criança a perceber as diferenças na intensidade sonora e desenvolve a noção de espaço.

2) Jogo das Cadeiras:

Divida a classe em dois grupos. Um irá fazer a música, e o outro girará ao redor das cadeiras, que será em número menor do que o grupo.

As crianças que tocam as músicas combinam um sinal para que o outro grupo possa sentar-se. Aqueles que não conseguirem sentar irão se juntar com os músicos.

O sinal pode ser dado por qualquer musicista, podendo ser com voz ou instrumento previamente combinado, de maneira melódica ou rítmica.

Este jogo desenvolve a atenção auditiva e a disciplina corporal.

3) Os Mais Finos e os Mais Grossos:

Esta brincadeira é feita com sucatas em sala de aula. Separe pelo menos seis diferentes materiais para cada aluno. Peça para que eles separem os que tem som fino (agudo) e som grosso (grave), depois peça para que eles toquem os que tiverem sons agudos e em seguida os sons graves.

Podemos utilizar também as vozes das crianças e pedir-lhes que formem fila de acordo com a voz: da mais fina para a mais grossa.

Esta atividade permite a distinção do grave e agudo além de desenvolver a noção de seriação.

4) Gravando Barulhos:

Aproveite um dia em que a turma estiver bem agitada, fazendo bastante barulho e, em vez de reprimi-las, grave os sons sem que elas percebam.

Quando a turma se acalmar coloque a fita para que elas ouçam e peça para que prestem atenção e identifiquem os ruídos que puderem.

As crianças reconhecerão seus barulhos e os do vizinhos e se o barulho tiver passado do limite elas mesmas se autocriticarão.

Esta brincadeira resulta no ato de escutar a si mesma e aos outros, e a capacidade de apreciar e criticar.

5) Os Sons da Natureza:

As crianças devem sentar-se em círculo. Fechando os olhos elas irão imaginar o que você irá descrever.

Por exemplo: estamos em uma praia deserta, as ondas do mar estão batendo, os pássaros estão voando, o vento está soprando, etc.

Após isto converse com as crianças sobre o que elas acharam dos sons produzidos.

Esta brincadeira desenvolve a imaginação e a criatividade.

6) Ruídos Cotidianos:

Esta brincadeira consiste em imitar os ruídos que fazemos em nossas ações cotidianas.

A turma será dividida em grupos que farão o som da ação escolhida com a utilização ou não de objetos e outros grupos da turma tentarão descobrir a que ação corresponde este som.

Esta brincadeira poderá ser feita com outros sons, e desenvolve a noção de seqüência, a observação e a criatividade.

7) Lotos de Som:

Esta brincadeira é uma espécie de bingo musical.

Cada criança recebe uma cartela com gravuras como uma porta abrindo, um passarinho ou telefone e escuta estes barulhos num gravador. Aquele que conseguir completar sua cartela primeiro ganha.

Desenvolvendo assim a percepção auditiva e a concentração.

8) Batendo Palmas com Pausas:

A pausa, na música, é um momento de silêncio.

Esta proposta pretende que acompanhemos a música inicialmente com batidas de palmas. Começaremos com batidas regulares; depois introduziremos as pausas. Para fazer as pausas, em vez de bater palmas, abriremos as mãos.

Estas pausas podem ser feitas em lugares combinados, como em sílabas ou palavras.

Esta atividade favorece a aprendizagem do ritmo, a atenção e o controle gestual.

9) Um Passeio:

Faça um convite para as crianças: vocês irão fazer um passeio de faz-de-conta.

Ao mesmo tempo em que irão se movimentando na sala irão produzindo sons.

Exemplo: Vamos ao Zoológico.

- ◆ Entramos no carro e batemos a porta.
- ◆ O trânsito está engarrafado.
- ◆ Chegamos ao Zoológico.
- ◆ A primeira jaula é a do Leão.
- ◆ Vimos o macaco.
- ◆ As araras estavam voando.
- ◆ O elefante tomando banho.
- ◆ Tomamos sorvete.
- ◆ Chegamos em casa cansados.
- ◆ Fomos dormir.

IV. Expressando-se Através da Música

4.1. Entendendo a música como um caminho para expressar-se criativamente

Devemos ver a música como um material importante no processo educativo e formativo mais amplo, dirigido para o desenvolvimento integral do aluno enquanto sujeito social e histórico.

A música deve favorecer ao aluno expressar-se criativamente e não apenas à simples cópia. É preciso, acima de tudo, levar a música a atuar sobre a vivência do aluno, pois negando sua realidade é o mesmo que afastar-se dele.

Segundo Penna (1990), o acesso à música deve ocorrer sob forma de criação, de interpretação e de audição. É importante habituar as crianças a ouvirem, a sentirem as melodias musicais, torná-las seres sensíveis à música, mas não uma sensibilidade inata, e sim construída. Para a autora, o dever do educador é incentivar seus alunos, fazer com que eles percebam a importância da música para sua formação integral enquanto sujeitos ativos de suas aprendizagens:

A compreensão da música, ou mesmo a sensibilidade a ela, tem por base um padrão culturalmente compartilhado: um código para a organização dos sons numa linguagem artística que, socialmente construído, e socialmente aprendido pela vivência, pelo contato com cotidiano, pela familiarização - embora também possa ser aprendido na escola. (p. 21)

O objetivo da utilização da música nas aulas, consiste em fazer com que a criança descubra e amplie sua expressão, para que ela consiga sair de sua condição de receptor passivo. Não basta, como se tem visto, usar a música apenas como controle de comportamento e adestramento escolar, ou utilizá-la esporadicamente nas festividades ou nos momentos cívicos escolares. A criança em idade pré-escolar tem muito mais condições de aprender música do que um adulto, e isto é comprovado cientificamente, como nos mostra a reportagem da Revista Veja, março de 1996:

A música é um dos estímulos mais potentes para ativar os circuitos do cérebro. A janela de oportunidades musical abre-se aos 3 anos e fecha-se aos 10 anos. A música não serve apenas para incentivar as crianças a ler uma partitura ou para apreciar um concerto. É capaz de imprimir no cérebro a compreensão da melodia das próprias palavras.

O próprio Villa-Lobos, nos diz Paz (1993), chama a atenção para a importância da música, quando a apresenta como meio de aquisição da linguagem, assim como esta, a música também é uma força viva. Ele orienta o aluno a perceber a harmonia com o seu próprio ouvido, sem precisar se preocupar com regras e notas musicais. O conhecimento das regras não deve ser um objetivo, e sim uma necessidade atendida em tempo devido (p. 16).

Torna-se imprescindível destacar que existem muitos músico-educadores em que podemos nos apoiar para oferecer aos alunos um verdadeiro saber musical, isto é, desprendido de estratégias camufladas para impor ordem, respeito ou domínio de classe. Deve-se buscar, pelo contrário, métodos que visem a afetividade, a expressão criadora e o valor estético musical. Segundo Kramer (1992):

Sentimento de infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde, na verdade, à consciência da particularidade infantil, ou seja, aquilo que distingue a criança do adulto e faz com que a criança seja considerada como um adulto em potencial, dotada de capacidade de desenvolvimento. (p. 17)

Podemos perceber nas linhas acima que a valorização do mundo infantil não significa tratar nossas crianças como seres incompletos, inacabados, mas tratá-las como seres em construção, aptas para desenvolver qualquer atividade. A criança deve ser

vista como um todo, em seus aspectos individual, social e histórico. É um ser que precisa ser preparado para a vida, experimentando, aprendendo, caminhando, enriquecendo-se. Sendo assim, a música apresentada e ensinada na escola deve permitir que a criança floresça, revele-se, e conheça seus próprios sentimentos.

Conclusão

Ao final deste trabalho, acredito que possamos concluir que a música, apesar de ter valor fundamental para o desenvolvimento da criança em seus primeiros anos de vida, não tem recebido o valor que merece e, portanto, não tem contribuído de forma mais ampla para a aquisição de conhecimentos e para o prazer que proporciona.

Sabemos que a música é de extrema importância, especialmente de 0 a 5 anos de idade na vida da criança. A atividade musical deve ser prazerosa e não um exercício enfadonho de decorar canções e repetí-las mecanicamente como ocorre em muitas escolas.

Como afirma Vital Didonet (1988), a proposta é: *"Musicalizar a criança, com isso querendo dizer que a criança passe a criar música, consumir música, a se expandir por meio da música. Só há um jeito para isso na educação infantil: BRINCAR DE MÚSICA."*

Para que tenha a possibilidade de expressar-se pela música, é necessário também que o professor vivencie, experimente e crie várias formas de linguagem com seus alunos. Porém, como já vimos anteriormente, sua formação é muito precária, o que pode ser constatado a partir do questionário feito com professoras de uma escola

particular do Rio de Janeiro, onde todas cursaram o Curso Normal e a maioria também tem como complementação a graduação em Pedagogia (anexo 2).

Com base no proposto questionário, foi possível constatar que todas as entrevistadas tiveram muito pouco acesso à formação musical ou mesmo nem tomaram conhecimento no curso de formação de professores. Porém, nota-se que, com a prática, todas vêem o papel da música como fundamental no desenvolvimento afetivo, cognitivo e social. Promovendo assim uma melhor aquisição da linguagem; tendo um enorme poder de socialização com o grupo e com o mundo que lhes é apresentado; trabalhando a concentração e a percepção auditiva; entre outros comentários feitos pelas professoras.

Este questionário foi de grande importância para o presente trabalho, só que pudemos verificar mais uma vez que, mesmo com tantos benefícios, a música continua sendo tratada nas escolas de formação de professores com o mesmo descaso e desinteresse que o país demonstra pela Educação. Como pode um país que não estimula a cultura, a criação de cidadãos críticos e conscientes, pensar no Ser integral?

Realmente há que se mudar paradigmas. Primeiro devemos valorizar a Educação para então lutarmos para uma formação mais ampla e integral de nossos alunos. O desejo de mudança está dentro de cada um de nós. Não basta deixar a

criança se soltar, é muito importante também que o professor transforme o seu cotidiano enriquecendo e estimulando o desenvolvimento intelectual de seus alunos e o seu próprio.

VI. Referências Bibliográficas

CACÓ, Bitte. O prazer da música. In Revista Crescer. São Paulo: Ed. Globo, p. 46-49, maio/96.

FUKS, Rosa. O Discurso do Silêncio. Rio de Janeiro: Enelivros, 1991.

KRAMER, Sonia. A política da pré-escola no Brasil. Arte do disfarce. São Paulo. Cortez, 1992.

NOVAES, Iris Costa. Brincando de Roda. Publicação particular da autora, 1960.

PAZ, Ermelinda A. Um Estudo sobre correntes pedagógicas-musicais brasileiras. Cadernos Didáticos UFRJ nº 11. RJ. Divisão Gráfica (SR-4, UFRJ), 1993.

PENNA, Maura. Reavaliações e buscas em musicalização. São Paulo: Loyola, 1990.

RAMALHO, G.M.C.G. Arte e Infância: A construção estética do conhecimento. Projeto de Tese de Doutorado. Niterói (RJ): UFF, 1996.

● REVISTA VEJA, A construção do Cérebro, Rio de Janeiro, março – 1996.

● WILLEMS, Edgar. El valor humano de la educacion musical. Buenos Aires, 1981.

ANEXO 1

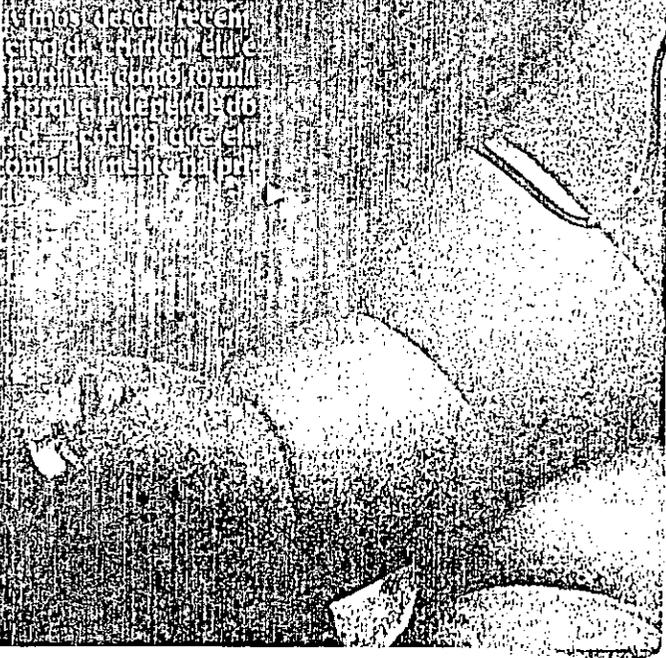
O prazer da MÚSICA

*Inerente ao ser humano,
a capacidade de produzir sons
e se emocionar com eles é um dom
que só precisa ser despertado.*

Não há dúvida de que a música é uma das formas de expressão mais antigas e mais universais da humanidade. Desde os tempos mais remotos, o homem tem usado a voz e instrumentos para criar sons que o emocionam e o comunicam. A música é uma linguagem que transcende as barreiras da cultura e da linguagem verbal. Ela é capaz de transmitir sentimentos e ideias de uma maneira única e poderosa. A música é uma linguagem que transcende as barreiras da cultura e da linguagem verbal. Ela é capaz de transmitir sentimentos e ideias de uma maneira única e poderosa. A música é uma linguagem que transcende as barreiras da cultura e da linguagem verbal. Ela é capaz de transmitir sentimentos e ideias de uma maneira única e poderosa.

com a música, o homem encontra um meio de expressão que o conecta com o mundo ao seu redor. A música é uma linguagem que transcende as barreiras da cultura e da linguagem verbal. Ela é capaz de transmitir sentimentos e ideias de uma maneira única e poderosa. A música é uma linguagem que transcende as barreiras da cultura e da linguagem verbal. Ela é capaz de transmitir sentimentos e ideias de uma maneira única e poderosa.

**Desde a vida
intra-uterina, o bebê
é estimulado pelo
ritmo dos batimentos
cardíacos e dos
líquidos que circulam
pelo corpo. Quando
nascido, responde
instintivamente com
a música.**



Emoção e saber caminham juntos

A magia dos sons e das canções é algo muito valorizado pela criança por estar perto do seu mundo. A mesma relação se dá com os povos primitivos, que cantam e dançam em rituais para aplacar os elementos da natureza. Na verdade, isso sempre esteve presente na história da humanidade e há pouquíssimo tempo a música teve seu valor ritual ofuscado pelo brilho do espetáculo.

Engana-se, no entanto, quem pensa que ela age apenas no campo das sensações e dos instintos: a música propicia um jogo cognitivo muito

forte, que caminha junto com a emoção. Se tomarmos como exemplo apenas a música ocidental, poderemos perceber que ela obedece a regras bastante precisas: tons, modulações, harmonia, intervalos, compassos, cadências, formação de acordes, escalas... Tudo segue uma lógica quase matemática. Por isso, uma criança cuja percepção musical for estimulada também estará mais preparada para desenvolver seu raciocínio em qualquer área. Segundo especialistas, a musicalização pode ajudar, inclusive, no processo de

alfabetização — que depende muito de fatores como coordenação motora, noções de espaço e tempo, sonorização, associação de idéias etc.

Música no ar

O potencial inato da criança é, indiscutivelmente, reconhecido e precisa ser incentivado. Mas daí a incorrer em exageros é outra história. Há quem insista, por exemplo, em afirmar que uma criança cuja mãe ouviu música clássica durante a gravidez tem maiores chances de desenvolver um bom ouvido. Não há em todo o mundo um único estudo conclusivo sobre essa influência. O que se sabe é que o feto é sensível aos sons, mas isso por si só não estabelece paralelos com a futura sensibilidade musical da criança. Um bom ouvido musical — boa capacidade para distinguir sons — está muito mais relacionado com o hábito de ouvir música no meio em que ela vive.

Depois do ritmo, a primeira qualidade do som que a criança descobre é o timbre. Reconhece a voz da mãe e, posteriormente, começa a se familiarizar com a sua própria voz. Percebe variações de intensidade e, logo depois, sons combinados. Relacionando tons, timbres e intensidades diferentes é capaz de distinguir logo cedo um discurso afetivo de outro repreensivo.

Por volta dos 6 meses, as experimentações sonoras do bebê — balbucios, murmúrios, gritos estridentes — transformam-se num hábito de rotina. Ele tenta, cada vez mais, variar tons e intensidades. Com aproximadamente 10 meses é capaz de mostrar preferências musicais balançando ou batendo palmas. A partir dos 18 se envolve intensamente com os sons do meio ambiente e seu tagarelar melodioso passa a parecer, realmente, com uma canção. Nessa idade também costuma mostrar interesse por aparelhos de som e de

EM BUSCA DA VOZ PERDIDA



Nanci e um pequeno aprendiz, Renée.

A batuta mágica da professora de canto Nanci Miranda, 75 anos, já harmonizou e melhorou a sintonia de muitas personalidades. Dos roqueiros Cássia Eller e Supla aos atores Raul Cortez, Cláudia Raia e Sônia Braga, passando pelo senador Eduardo Suplicy — todos buscavam a regência de sua sabedoria para conquistar melhor desempenho nos palcos de teatro, filmes, palanques ou shows.

A fórmula para harmonizar acordes tão distintos, segundo a professora, é sempre a mesma: nasce no exercício de cantar, mas passa longe dos pentagramas, claves, bemóis, compassos e sustenidos. Para ela, toda essa "matemática" musical deve ceder lugar à expressão mais primordial, aquela que qualquer

pessoa traz da infância. "Existem sons infantis — ressonâncias harmônicas da voz do adulto — que ficam recolhidos dentro de nós. Procuro trazê-los de volta por meio de alguns exercícios", explica. "Esses sons têm um timbre metálico, meio agressivo, parecido com o choro ou o grito de uma criança, que é justamente o que dá o brilho a qualquer voz", conta.

Segundo ela, essa voz, "que vem das entranhas", libera energias vitais e deve ser trabalhada física e emocionalmente.

Os exercícios envolvem controle de respiração, movimentos, percepção dos líquidos do corpo, gestos com as mãos e manifestação de impulsos sonoros que vêm do diafragma. Outro ensinamento de Nanci: "Não é na garganta que se expande a voz. Ela vem de todo o corpo, principalmente do diafragma e de uma espécie de caixa de ressonância localizada na cabeça".

Tudo começa na infância. Por isso, quanto mais os pais explorarem a diversidade dos sons com as crianças, mais chances elas terão de se tornarem adultos perceptivos, sensíveis e com personalidades vocais adequadas para diversas situações. Mãos à obra, portanto, mães e papais!

SOM: O BÊ-A-BÁ DO BEBÊ

tevé — como funcionam? — e adora produzir seus próprios sons com objetos que ele escolhe.

Dos 2 aos 3 anos a criança destaracha: começa a dançar, mexe os ombros em movimentos vigorosos, rola em círculos e tem, cada vez mais, capacidade de se concentrar para ouvir uma música. É a fase ideal para oferecer-lhe brinquedos como xilofones, tambores, maracás ou apitos.

Fora do compasso

Mas, então, se o estímulo musical é tão bom, torna-se inevitável a pergunta: é de pequeno que se prepara um futuro músico de sucesso? Não, assegura a maioria dos especialistas. A criança não tem capacidade para decidir se quer ou não ser um artista quando crescer. Por isso, iniciá-la precocemente na alfabetização musical pode ser perigoso — corre-se o risco de ela odiar música para o resto da vida. Mais importante é ensiná-la a ouvir e reconhecer as qualidades do som, matéria-prima da música.

Alguns pais costumam se preocupar com os filhos que decoram os sons no instrumento — tocam "de ouvido" — sem ler as notas no pentagrama. A inquietação acontece porque o aprendizado de música, em geral, estava muito centrado na escrita musical. Hoje ela é vista como um recurso importante e não como a razão de ser da música.

Agora, se partir dele o interesse por algum instrumento e pelo aprendizado formal, não se deve ignorá-lo, é claro. Mas não esqueça: esse interesse pode sumir de uma hora para outra e seu geniozinho virar um ótimo advogado ou dentista quando adulto.

◆
BETH CALÓ

Consultoria: Irene Taurinho, doutora em Educação Musical pela Universidade de Wisconsin, Madison, e professora do Departamento de Música da USP; Teça Alencar de Brito e Pedro Mourão, educadores na área de iniciação musical.

Todo ser humano traz a música dentro de si e, com um pouco de encorajamento, qualquer um pode fazer desabrochar seu potencial sonoro. Por isso, vale a pena aproveitar a curiosidade natural das crianças. E a menos que você exija de seu filho de 5 anos imobilidade e atenção absolutas para acompanhar um concerto, conduzi-lo ao mundo da música é uma tarefa fácil, agradável e que deve começar cedo. Uma pesquisa realizada recentemente pelo educador musical Kenneth Wendrich, da Universidade Estadual Bowling Green, em Ohio, EUA, em conjunto com psicólogos da Universidade de Yale, sugere que, já a partir dos 4 meses, as crianças percebem e imitam variações sonoras com surpreendente precisão. Estudiosos brasileiros, como Irene Taurinho, doutora em Educação Musical pela Universidade de Wisconsin, EUA, concordam: a criança convive com a música desde a vida intra-uterina, e os pais só precisam estimulá-la. Aqui vão dez dicas de especialistas para ajudá-la nessa empreitada.

1. Um recurso que pode ser usado desde a mais tenra idade é unir atividades de rotina a estímulos sonoros. Ao trocar a fralda, alimentar ou dar banho em seu filho, os pais podem e devem expressar-se sonoramente de maneira movimentada: em vez de usar sempre o mesmo tom, fale grosso, fino, emita sons guturais ou com a boca cerrada. Tudo em tom afelivo e, sempre que possível, envolvendo ativamente o corpo do bebê: mexa suas mãos, braços e pernas enquanto canta alguma melodia bem simples.

2. Use e abuse de móveis e brinquedos sonoros que possam ser manipulados pela criança.

3. Estimule seu filho a perceber diferenças de ritmos e sons. Em viagens, por exemplo, chame sua atenção para buzinas de carros, canto de pássaro, latidos etc. Limite esses sons e qualquer outro que o bebê tentar expressar. Brinque de mudar a inten-

sidade, mexa com determinadas sílabas, use ironia, contrastes e deixe que ele a imite.

4. A letra da música não importa. Você pode criar canções sem nenhum sentido ou colocar o bebê como personagem de alguma música conhecida. Mas atenção: repetir as mesmas melodias pode ser desestimulante. A diversidade ajuda.

5. A partir de aproximadamente 2 anos, já é possível levar a criança a alguns shows ao vivo. A experiência musical vivida em grupo é fundamental para a formação de um bom ouvinte.

6. Não prive seu bebê da alegria de criar sua própria orquestra com objetos de cozinha. Deixe-o explorar, de vez em quando, as painéis, utensílios de madeira e de plástico. Experimentando timbres, ritmos e intensidades diferentes, ele estará aguçando sua percepção.

7. Quando o bebê estiver acostumado com certa variedade de sons, apresente-lhe instrumentos de verdade, como tambores ou maracás.

8. Cante, cante bastante, coloque discos, ligue o rádio, chame a atenção da criança para as músicas da tevê — geralmente, elas ficam fascinadas com os jingles dos comerciais.

9. Dance com seu bebê. As alterações de movimentos vão mostrar-lhe que a música tem variações de ritmo e tempo. Mostre como se combina movimento e percussão estalando os dedos ou batendo palmas.

10. Se você quer que a música faça parte da vida do seu filho, não basta ligar o rádio ou comprar montanhas de CDs. Faça-o experimentar vários gêneros de música, com ritmos e origens étnicas diferentes. Tenha sempre em mente que a boa música não é somente a clássica ocidental. Há também a oriental, os sons contemporâneos, eruditos ou de origem popular, como o jazz e o rock.

ANEXO 2

Função: Professora (pré-escola)

Você cursou Normal ou Pedagogia?

Ambos

Em seu curso, você teve a oportunidade de receber uma formação musical?
Em caso afirmativo, comente como estas eram ministradas.

Não.

Para você qual é o papel da música na educação infantil?

A música tem a função de desenvolver a linguagem, e integrada às atividades diárias, apresenta brincadeiras, marca a rotina, trabalha com o ritmo, entre outras.

Função: Professora

Você cursou Normal ou Pedagogia?

Cursei o normal e agora estou
concluindo a Pedagogia.

Em seu curso, você teve a oportunidade de receber uma formação musical?
Em caso afirmativo, comente como estas eram ministradas.

Somente no curso normal no 3º ano.
Era 1 vez por semana. O professor dava
algumas atividades de ritmo, tentava ensinar
as notas musicais e muito mal a solfejar.
Preferia tocar piano a dar aulas.
Para você qual é o papel da música na educação infantil?

Muito importante! Ela aproxima,
acalma, entretém, diverte, ensina.
Ou seja indispensável. É uma pena que
se dê tão pouca importância a ela
nos cursos normais e na Pedagogia.

Função: professora primária

Você cursou Normal ou Pedagogia?

Curssei o curso normal e estou
terminando o curso de pedagogia

Em seu curso, você teve a oportunidade de receber uma formação musical?
Em caso afirmativo, comente como estas eram ministradas.

Não.

Para você qual é o papel da música na educação infantil?

É muito importante, pois através
dele as crianças socializam-se e
aprendem os conhecimentos.

Função: Professora

Você cursou Normal ou Pedagogia?

Curso Normal (Formação de Professores)

Em seu curso, você teve a oportunidade de receber uma formação musical?
Em caso afirmativo, comente como estas eram ministradas.

A oportunidade veio no curso adicional e as aulas se resumiram numa pasta com xerox de músicas e desenhos referentes as mesmas.

Para você qual é o papel da música na educação infantil?

A música além de divertir, trabalha concentração, memória, sequência de gestos, movimentos amplos ritmo, enfim é difícil encontrar algo mais completo para se trabalhar na educação infantil do que a música. Ela deve ser nossa grande companheira.

Função: Professora

Você cursou Normal ou Pedagogia?

Normal

Em seu curso, você teve a oportunidade de receber uma formação musical?
Em caso afirmativo, comente como estas eram ministradas.

Muito pouco

Para você qual é o papel da música na educação infantil?

Enriquecer o vocabulário, promover o ritmo, memorizar as letras das músicas em fim socializar de uma forma agradável e muito animada.

Função: Professora

Você cursou Normal ou Pedagogia?

Curso Normal

Em seu curso, você teve a oportunidade de receber uma formação musical?
Em caso afirmativo, comente como estas eram ministradas.

Não.

Para você qual é o papel da música na educação infantil?

A música tem um papel muito importante já que desenvolve a percepção auditiva, ~~desenvolve~~ a linguagem e permite o manuseio de vários instrumentos musicais

Função: PROFESSORA

Você cursou Normal ou Pedagogia?

AMBOS

Em seu curso, você teve a oportunidade de receber uma formação musical?
Em caso afirmativo, comente como estas eram ministradas.

Não

Para você qual é o papel da música na educação infantil?

De extrema importância para o desenvolvimento integral do aluno em vários aspectos.

Declaração

Declaro para os devidos fins, que a aluna Beatriz Rocha Melo, matrícula Nº 942351062 cursou a disciplina monografia sob minha regência desenvolvendo a monografia intitulada: A Importância da Música na Educação Infantil, na qual obteve grau _____.

Rio de Janeiro,

Gilda Grumbach